

ZIGOTO - SEMINÁRIO DE EXPERIMENTAÇÕES POETICOEDUCATIVAS : COMO PRATICAR O COTIDIANO?

LUANA REIS SILVINO¹; JULIA PETIZ PORTO²; CAROLINA CORRÊA
ROCHEFORT³

¹UFPEl – luarsilvino@gmail.com

²UFPEl – juliapporto@gmail.com

³UFPEl – carol80cr@yahoo.com.br

1. INTRODUÇÃO

Início essa escrita apresentando o Zigoto – Seminário de experimentações poéticoeducativas, projeto de ensino articulado ao Patafísica¹, grupo de mediação que se encontra no Centro de Artes da UFPEl e atua dentro e fora da instituição. O Seminário se propõe a acontecer em quatro encontros mensais, durante o segundo semestre de 2018, sendo o primeiro em agosto, e o último em novembro. Os encontros, marcados em locais diferentes, versam entre o espaço público e aqueles pré-estabelecidos como espaços de arte.

Certamente os domingos de criação agenciados por Frederico Moraes em 1971, nos jardins do Museu de Arte Moderna (MAM) do Rio de Janeiro, ajudaram a dar pregnância ao Zigoto. Tendo acontecido em seis domingos ao longo de seis meses.

Cada um dos quatro momentos do seminário foi impulsionado por uma pergunta, uma provocação que articula questões tangentes à experiência artística, àquelas pensadas, produzidas e propostas pelos artistas, àquelas desenvolvidas pelo campo da arte educação, e tantas outras que tocam e atravessam ambas as formações dos cursos de Artes Visuais – Licenciatura e Bacharelado - afinal somos todos públicos.

Detenho-me, entretanto, no primeiro deles: como praticar o cotidiano?

2. METODOLOGIA

O encontro inicial se deu em 23 de agosto na Galeria Brahma. A pergunta que o disparava, assim como a proposta de ação poética, despontou de questões relacionadas ao trabalho artístico da Liége Eslabão, estudante do Bacharelado em Artes Visuais e integrante do Patafísica. A *varrida*, performance em que a artista varre com uma vassoura de madeira presa ao corpo por um elástico na região do diafragma, sugeriu a possibilidade de repensar a automatização do gesto através de uma ação coletiva de *desaprendência* daquilo que foi

¹ O grupo Patafísica: mediadores do imaginário é um projeto de extensão que se desdobra em pesquisa e ensino do Centro de Artes da UFPEl. É formado por mediadores, alunos dos cursos do CA/UFPEl e a coordenadora/professora Carolina Rochefort. Os *Patafísicos* exploram a criação e o fazer, propõem reflexões e instigam a interrogação. O grupo atua especialmente na Galeria A SALA do Centro de Artes/UFPEl, assim como, em eventos acadêmicos/culturais, trabalhando na mediação artística e/ou na formação de mediadores, visando a ampliação da ideia de mediação artística. Seguem endereços na rede e contato via email:mpatafísica@live.com - Facebook: <http://www.facebook.com/PatafísicaMediadoresDoImaginario>. A denominação "Patafísica" foi escolhida pelo grupo em função de seu significado, pois, segundo o dramaturgo francês Alfred Jarry, criador da Patafísica, é a "ciência das soluções imaginárias e das leis que regulam as exceções." Enquanto ciência busca explorar, ir além da física e da metafísica que buscam soluções generalizadas. A Patafísica, consiste no estudo das exceções, tenta explicar um universo que o saber dominante não ensina a ver.

estabelecido ao corpo por observância e repetição, a ação de varrer. Pedimos aos inscritos no evento que trouxessem, nesse primeiro dia, uma vassoura, e enunciamos: “Esse é um instrumento de trabalho. Vamos trabalhar.”

Na Galeria Brahma, espaço expositivo da UFPel, havia vestígios de obras de uma exposição findada, um amontoado de pedras britadas ocupava uma parcela de chão do espaço que acreditávamos estar vazio. Parecia ser preciso o espaço vazio, pela prioridade da ação, do movimento de varrida de um grupo que naquela manhã contava com cerca de trinta pessoas, alunos e professores dos cursos de licenciatura e bacharelado em artes visuais, mas também de outros cursos e mesmo pessoas sem vínculo com a universidade.

Enquanto grupo de mediação, o Patafísica costuma partir de um lugar ou informação já cedida para pensar suas práticas propositivas, como uma exposição na galeria ou um convite a visitar uma escola em determinada ocasião, assim criamos em diálogo com o que acontece. Ao propor o seminário, nos desatrelamos de qualquer situação pré-estabelecida e fazemos do Zigoto, por si mesmo, o acontecimento. A proposição é em si, e não em relação a algo, ainda que seja disparada por algum trabalho ou leitura que nos interesse enquanto grupo que estuda e atua nas áreas de ensino e extensão, esses disparadores vêm a operar como dispositivos de mediação.

Demos início ao seminário varrendo a galeria Brahma como se varre a casa numa manhã nublada, exceto pelo fator da coletividade. O movimento era o mesmo, familiar, o gesto teórico do varrer, coisa que se aprende na prática e de fato ninguém precisa ensinar. Um gesto/aprendizado que acontece por imitação em algum momento da infância. No decorrer da ação, a varrida foi se distanciando desse lugar conhecido, primeiro, pelo fator de exceção já mencionado: trinta pessoas varrendo simultaneamente o chão do mesmo espaço eventualmente interferem no movimento umas das outras. Segundo, e em decorrência do primeiro, além das áreas de concentração incipientes não existiam pontos comuns de acúmulo de poeira, pedra ou serragem – toda a matéria que excedia o chão naquele dia – e quando alguém tentava estabelecer seu próprio, era frequente que outra pessoa o desfizesse, desestabilizando a razão do varrer. Com exceção, talvez, do grupo de pessoas que integram o Patafísica, ninguém ali sabia por que estava varrendo, apesar de saber como e por que se varre. Talvez por isso, a princípio, ninguém questionou o trabalho ou quis saber o objetivo da ação, apenas se varreu, por longos minutos, num constante fazer e desfazer.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Conforme o despropósito daquela prática ganhava evidência, a ação passou a variar organicamente, correspondendo ao olhar do grupo que se tornava mais atento em relação a si. Outro movimento, posteriormente discutido naquela manhã, tornou-se constante: cada um passou a estabelecer objetivos particulares com a vassoura ou a varrida, e em seguida, alguns dos objetivos já despontavam em conjunto.

Nos Diálogos com Deleuze, Claire Parnet menciona as funções criadoras como funções liberadas de “um sujeito de enunciação do qual dependem todos os enunciados produzidos” (p.37), o Autor. A despeito dessa função-autor, escreve:

Totalmente diferentes são as funções criadoras, usos não conformes do tipo rizoma e não mais árvore, que procedem por interseções, cruzamentos de linhas, pontos de encontro no meio: não há sujeito de enunciação, mas agenciamentos coletivos de enunciação [...] (DELEUZE; PARNET, 1978, p.38)

Assim me parece o desenrolar da varrida, liberada de um sujeito que enunciasse o porvir. A prática variava, mas não interessa saber de quem parte o desvio, partindo de todos os lados. Nosso ponto de partida são os pontos de encontro.

As pedras que já estavam na galeria, antes amontoadas, foram incorporadas à ação, tornando-se objeto de atenção, rastro de varrida ou matéria de desenho. A vassoura virou remo, foi meio de alongar o corpo, e centro de uma dança circular. Teve também suas cerdas voltadas ao alto, na tentativa de equilibrá-la pelo cabo na palma das mãos, ou numa construção coletiva, fincando-os ao chão, nas pedras, e equilibrando umas nas outras todas as vassouras, para depois brincar de pega vareta, ou tentar passar entre elas, sem abalar a estrutura. De objeto de trabalho, acompanhamos a vassoura se tornar brinquedo.



Figura 1. Registro do encontro inicial do Zigoto. 2018.

Em uma passagem do documentário sobre os domingos de criação, Frederico Moraes lê esse trecho de um de seus textos, publicado em 1977 sob o título de “Ver o mundo pela primeira vez”:

O melhor que se poderia dizer da função da arte é que ela nos coloca diante do mundo como se fora pela primeira vez. Esse estado de espírito do achar, do se descobrir encantado diante do mundo, do maravilhar-se. E se para alguns filósofos gregos este era o princípio de filosofar, poderia dizer também que este é o comportamento que leva a arte. Achar, descobrir, dar permanência à gênese, ao primeiro gesto, ao primeiro grito. É sempre bom lembrar que original se liga a origem, buscar o novo é buscar a origem, é descobrir a infância, a pureza, e a espontaneidade das primeiras coisas, é reaprender [...] a arte não pode ser nunca encerrada como um valor intocável, absoluto, acima e maior do que o homem, a verdadeira compreensão de arte só pode se dar na experiência diária do cotidiano.

Ao adotar a varrida para o momento de abertura do Zigoto, as discussões do Patafísica permeavam algumas dessas mesmas questões apontadas por

Frederico, e ainda que não buscássemos o novo, nos interessamos pela infância, pela origem, no sentido do momento em que se apreende uma prática cotidiana, um desejo, e esboçamos um convite a desaprendê-la, a fim de gerar possibilidades outras da mesma ação.



Figura 2. Registro do encontro inicial do Zigoto. 2018.

4. CONCLUSÕES

O momento de conversa que sucedeu à prática se constituiu já fora da galeria, num terreno acolhedor, de partilha de experiências, objetivos, observações e revisitas à sala de aula. E ao compartilhar as possibilidades evocadas pela vassoura, emergiram questões sobre o corpo, os movimentos e objetos do cotidiano, as relações e ações construídas em espaços de arte e educação na direção da atenção e produção de uma ética cotidiana.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

DELEUZE, Gilles; PARNET, Claire. **Diálogos**. São Paulo : Editora Escuta, 1998.

UM domingo com Frederico Moraes. Direção: Guilherme Coelho. Matizar, 2011. 1 DVD (60min).